

ÉTICA COMO NECESSIDADE¹

Sérgio Marcos de Moraes Pitombo
Professor Doutor do Departamento de Direito Processual
da Faculdade de Direito da Universidade de São Paulo

Queridos alunos:

É costume ao término de sua fala o paraninfo cumprimentar-lhes as famílias e lhes desejar muito bom êxito, no correr da vida profissional. Apresso-me a fazê-lo logo. Saúdo-as; e a todos os formandos quero ver bem-sucedidos.

Peço, entretanto, que atentem, sempre, para a maneira de ser e de proceder, como advogados, delegados de Polícia, promotores de Justiça, juizes de Direito, legisladores, ou como administradores públicos.

Nenhuma profissão se exerce com dignidade, no abandono do comportamento ético. Tal afirmação pela evidência mostrar-se-ia desútil não fora os tempos.

O Estado - dizia-se, secularmente - era uma empresa do povo. Hoje percebe-se - tornou-se de alguns, assumindo afeiçoamento quase privado.

O pleno descompromisso com a verdade exhibe-se qual destreza política, em só construí-la em vez de desvendá-la. A mentira converteu-se, assim, em elemento prevalente de estratégias eleitorais e de governos. E, o significado das palavras falsea-se. A mais atormentante agiotagem recebe a denominação de instrumento de política econômica. A alucinação tributária apresenta-se como meio razoável de atingir a Justiça social. O desamparo - ainda exemplificando - das cidades - vida urbana e paz pública - ostenta-se como dever descumprido, porém, de toda a comunhão social; e, tão-só, contingente responsabilidade dos governantes.

A legislação descuidada, assistemática e contraditória serve ao imediato, à situação emergente. Muita vez, despontando a toque de imprensa; como vem sucedendo no Direito e no processo penal. Atendem-se às aparências; mas, se acha perdendo o sentido comum de torto e de direito.

1. Discurso proferido pelo professor Sérgio Pitombo, em homenagem à turma do ano de 1997.

A Justiça falha, algumas vezes, seja em virtude da burocracia judiciária; seja pela resistência insuficiente ao cortesão. Na base da disfunção, acha-se o entorpecimento da igualdade.

Senhores formandos: nestas derradeiras e breves palavras de professor, concito-os a questionar, durante a existência, sobre o valor, que os levará; ou que os conduziu a agir, nos diversos lanços da profissão. Animo-os a meditar na dimensão pessoal da conduta, a partir-lhe do motivo ético. Desnecessário lembrar-lhes de que nenhum juízo ético importa, se não serve para orientar a vida prática.

Aguardo, pois, que o bom êxito, o sucesso, antes desejado, concretize-se no arredamento da angústia moral e na construção de um Brasil melhor e mais justo.

São Paulo, 10 de dezembro de 1997.